

# Orquestra Gulbenkian

**Hannu Lintu**  
**Faustine de Monès**  
**Jan Lisiecki**



**06 + 07 nov 25**

**06 nov 25** QUINTA 20:00

**07 nov 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Orquestra Gulbenkian**

**Hannu Lintu** Maestro

**Faustine de Monès** Soprano

**Jan Lisiecki** Piano

### **Alban Berg**

*Der Wein* / O Vinho

c. 14 min.

*Einleitung: Sehr langsam* / Introdução: Muito lento

*Die Seele des Weines* / O espírito do vinho

*Der Wein der Liebenden* / O vinho dos amantes

*Der Wein des einsamen* / O vinho do solitário

### **Wolfgang Amadeus Mozart**

Concerto para Piano e Orquestra n.º 9,  
em Mi bemol maior, K. 271, *Jeunehomme*

c. 31 min.

1. *Allegro*

2. *Andantino*

3. *Rondo: Presto*

INTERVALO

### **Gustav Mahler**

Sinfonia n.º 4, em Sol maior

c. 58 min.

1. *Bedächtig, nicht eilen* / Circunspecto, calmo

2. *In gemächlicher Bewegung.*

*Ohne Hast* / Moderado. Sem pressa

3. *Ruhevoll* / Tranquilo

4. *Sehr behaglich* / Muito cómodo

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 10 MIN.

INTERVALO DE 20 MIN.

# Alban Berg

(Viena, 1885 – Viena, 1935)

## Der Wein / O Vinho

—

COMPOSIÇÃO 1929

ESTREIA Königsberg, 4 de junho de 1930

DURAÇÃO c. 14 min.

Alban Berg nasceu e cresceu no coração do distrito central (*Innere Stadt*) de Viena, núcleo histórico e cultural de uma cidade ainda em expansão na época, geograficamente importante como cúmulo de passados, ponto de convergência cultural de várias origens, políticas, económicas, sociais, religiosas. Estudante desinteressado, apoiado por algum conforto material, teve acesso a uma excelente biblioteca de família, o que fez dele um leitor obsessivo. Conheceu desde cedo as obras de grandes poetas, filósofos e compositores, atraindo-o fortes personalidades que moldaram o seu universo estético e intelectual, desde Gustav Mahler a Arnold Schönberg. Com este último, assimilou o serialismo dodecafónico da segunda escola de Viena, embora nunca o tenha verdadeiramente abraçado, utilizando preferencialmente uma linguagem de expansão do cromatismo pós wagneriano.

Quando Ruzena Herlinger (1893-1978), cantora checa nascida no Canadá, mulher de mente aberta e voz versátil, promotora da música contemporânea, encomendou uma ária de concerto a Alban Berg, o compositor vienense estava a preparar a sua segunda ópera, *Lulu*. O libreto, escrito pelo próprio, trata de assuntos e personagens decadentes, e talvez por isso, a escolha dos textos para

a ária concertante tenha recaído sobre o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), precursor do modernismo, com predileção por temas como a melancolia, o tédio, a decadência relacionada com a vida urbana, a dualidade entre a beleza e o horror, o erotismo e o desespero existencial.

Após a leitura dos poemas da outrora infame e judicialmente condenada coletânea *Les fleurs du mal* (*As flores do mal*, 1857) na versão alemã do célebre tradutor Stefan George, mas também do original em francês, Alban Berg escolheu três textos do ciclo *Le Vin* e compôs *Der Wein*, ária para soprano ou meio-soprano e orquestra em quatro andamentos. A obra seria estreada por Ruzena Herlinger em 1930, em Königsberg (o atual enclave Kaliningrado), integrado num festival da conceituada *Allgemeine Deutscher Musikverein*, sob a direção de Hermann Scherchen, também ele promotor da música contemporânea.

*Der Wein* revelou-se um estudo para *Lulu*, antecipando aspetos da sua linguagem musical, como o modelo de vocalidade, o uso do piano e do saxofone como partes integrantes do timbre orquestral ou a manipulação da série dodecafónica. A introdução orquestral é grave, de uma mortal melancolia. A utilização de efeitos jazzísticos e de um tempo de tango aproximam-nos das tendências da época e este último de um certo erotismo. A secção central, dedicada ao vinho dos amantes, é um impulso lírico, um parêntesis onírico. No primeiro e no último poema, o vinho alega trazer alguma esperança ao homem solitário.

## W. A. Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Concerto para Piano e Orquestra  
n.º 9, em Mi bemol maior,  
K. 271, *Jeunehomme*

—

COMPOSIÇÃO 1777

DURAÇÃO c. 31 min.

É relativamente consensual que Wolfgang Amadeus Mozart atingiu a sua maturidade musical por volta dos vinte e um anos de idade, e uma das obras que mais contribuiu para este marco foi certamente o Concerto para Piano n.º 9, K. 271, um ponto de viragem na sua carreira em direção a uma abordagem mais madura e ambiciosa que prefigura os seus posteriores concertos de Viena.

Composto em Salzburgo pouco antes de Mozart se preparar para mais uma viagem de tentativa de afirmação pela Europa, após ter já escrito concertos para violino, óperas, obras sacras, ter passado por Itália e Viena, e adquirido alguma notoriedade, a sua qualidade foi desde logo reconhecida. Esse reconhecimento manteve-se até aos nossos dias – Alfred Brendel elegeu-o como o seu concerto preferido e apresentou-o no seu recital de despedida. O seu título resulta de um equívoco em torno do termo “jeune homme”, interpretado durante anos como uma referência ao próprio compositor, ou a um jovem pianista desconhecido. *Jeunehomme* é na verdade resultante de erros ou variantes de grafia, bastante comuns nas cartas entre Wolfgang e o seu pai, do nome Jenamy, apelido de casada de Louise Victoire, filha de Jean-George Noverre, célebre bailarino e mestre de *ballet* cuja data de nascimento

(29 de abril) foi escolhida para assinalar o Dia Mundial da Dança.

Nascida em 1749 em Estrasburgo, Victoire Noverre terá ido a Viena visitar o seu pai, estabelecido na corte da capital do Império. É possível que não tenha chegado a conhecer Mozart, mas os seus documentados dotes de pianista (amadora na época) e a estima que o compositor nutria por seu pai, tê-lo-ão levado a escrever, em 1777, um concerto solista a ela dedicado. A obra seria certamente do agrado de Mozart, que a interpretou pessoalmente num concerto nesse ano e por outras vezes ao longo da sua carreira.

Apesar dos meios instrumentais comuns na época – além das cordas, apenas dois oboés e duas trompas – o concerto parece grande e amplo, graças à criatividade melódica, à mestria na orquestração e às surpresas formais. Ao contrário do convencional, o solista entra logo no segundo compasso, após uma curta fanfarrinha da orquestra. O segundo andamento, na tonalidade da relativa menor, é construído como uma cena de ópera onde o solista assume o papel de uma trágica heroína, e nele predominam efeitos operáticos, como passagens em recitativo realizadas pelo piano, ou um longo trilo que desenvolve uma espécie de *mesa di voce* e que conduz a uma melodia *cantabile*. O terceiro andamento, um rondó que antecipa a ária de Monostatos (*A flauta mágica*) tem uma inventiva seção central em *Tempo di Minuetto* onde são combinados os segundos violinos e violas em surdina com o *pizzicato* dos primeiros violinos e violoncelos, e apontamentos ocasionais dos sopros. Após a cadência é retomado o *tempo primo*.

# Gustav Mahler

(Kaliste, 1860 – Viena, 1911)

## Sinfonia n.º 4, em Sol maior

COMPOSIÇÃO 1899-1900

ESTREIA Munique, 25 de novembro de 1901

DURAÇÃO c. 58 min.

Quando iniciou a composição da Sinfonia n.º 4, Gustav Mahler era diretor da Ópera de Viena há pouco mais de um ano. Este exigente compromisso apenas lhe permitia compor nos meses de verão, levando-o a uma rotina que se repetiria por alguns anos – ter uma casa de férias no lago mais a sul da Áustria, longe da agitação da capital, especificamente para nela se dedicar à composição. E foi lá que terminou a sua Quarta Sinfonia, em agosto de 1900, estreando-a em Munique em novembro de 1901.

Nos anos 80, Mahler tinha tomado conhecimento com a antologia poética intitulada *Des Knaben Wunderhorn* (*A trompa mágica do rapaz*) que viria a estar presente em várias composições. Da autoria de Achim von Arnim e Clemens Brentano, esta coletânea datada de 1805-9 e publicada como poesia tradicional germânica, em parte genuína, em parte criada ao estilo, inspirou compositores pelo teor popular dos seus textos. Nomes como Schumann e seus contemporâneos beberam infindavelmente desta fonte, cheia das inocentes alegrias da primavera e de um mundo livre de preocupações. Mahler sentiu-se atraído sobretudo pela mistura de elementos antagónicos como realismo e fantasia, tragédia e humor, diferente do material mais atormentado dos poetas seus coetâneos. Alguns destes poemas

encontraram a sua música através das sinfonias que Mahler estava a escrever no momento. Durante a composição da terceira, planeou incluir a canção que tinha escrito em 1892, “Der Himmel hängt voller Geigen” (“O céu está cheio de violinos”), mas resolveu depois torná-la na base de uma nova sinfonia, a quarta, renomeando-a “Der himmlische Leben” (“A vida no Céu”). Antecedida por três andamentos, em conjunto criam uma imagem de infância, selada pela visão do Céu da criança que protagoniza a canção.

Estruturada de acordo com a tradição sinfónica, incorpora também novas ideias de transição do século, como a forma cíclica. Sem reduzir significativamente as dimensões da orquestra, Mahler confere-lhe uma sonoridade mais camarística, privilegiando o timbre, com menos metais em detrimento da intensidade sonora.

O primeiro andamento, em forma sonata, abre alegremente com flautas e sinos e os violinos apresentam um tema de uma jovialidade desarmante, acompanhada pela clareza da orquestração, mesmo com contrapontos mais densos. O segundo, é uma espécie de *scherzo* com um solo de violino com *scordatura*, afinado um tom acima e sugerindo um *fiedel* popular e que deve ser tocado de forma “algo rude”. De acordo com Alma Mahler, foi inspirado no quadro de Arnold Böcklin intitulado *Auto-retrato com a Morte tocando violino*, e representa a personagem tradicional germânica de *Freund Hein*, uma personificação da morte que, com o seu violino conduz uma *Totentanz* (dança da morte) e nos lembra quão perto ela poderá estar.

O terceiro andamento, um *Adagio* generoso para os violoncelos, que apresentam o tema, é o mais expansivo, um tema com variações que segundo Mahler “ri e chora ao mesmo tempo”. Os sinos, tão inocentes quanto ameaçadores, trompas e tímpanos, e um surpreendente e enorme acorde de Mi maior, representando as portas do Céu, preparam para o andamento final. Aqui, uma criança apresenta uma visão inocente, embora algo perturbadora do Céu, cheia de música e dança, e com

a descrição de um banquete que está a ser preparado por santos e mártires – São Pedro encarregue do peixe, São Lucas do bovino, Santa Marta, enquanto patrona das cozinheiras e donas de casa, a servir os pratos. Em forma estrófica com um refrão instrumental recuperado do primeiro andamento, confirmam os anjos e santos na voz do soprano: “Não há música na Terra que se compare à nossa”.

NOTAS DE SUSANA DUARTE

## Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfónica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfónica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Nova Iorque, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfónica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfónicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfónica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi. Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

## Faustine de Monès

A soprano Faustine de Monès apresenta-se regularmente em importantes palcos internacionais como o Weill Recital Hall do Carnegie Hall, o Barbican Centre, a Opéra Comique, o Festival d'Aix-en-Provence, o festival Chorégies d'Orange ou o Musiikkitalo de Helsínquia, tendo colaborado com maestros como Simon Rattle, Lionel Bringuier, Hannu Lintu, Antony Hermus, Ben Glassberg, Victor Jacob, Clément Mao-Takacs ou Emilia Hoving. Na temporada 2025/26, estreia-se na Ópera de Nice no papel de Servília, em *La Clemenza di Tito* de Mozart. Para além do regresso à Gulbenkian Música, apresenta-se no Bridgewater Hall, em Manchester, com a Hallé Orchestra e a maestra Elena Schwarz, para interpretar *Le Silence des Sirènes* de Unsuk Chin, e no Festival Castel Artes, em França, para se estrear no papel de Despina, em *Così fan tutte* de Mozart. Na temporada 2024/25 cantou a sua primeira Julieta, em *Romeu e Julieta* de Gounod, no La Seine Musicale de Paris, e estreou-se na Austrália, no papel da Noiva, em *Innocence* de Kaija Saariaho, no Festival de Adelaide. Demonstrou, mais uma vez, a sua versatilidade ao cantar Nane, na opereta *Gosse de Riche*, de Maurice Yvan, com a orquestra Frivolités Parisiennes. Regressou ao papel de Frasquita, em *Carmen* de Bizet, na Ópera de Hong Kong e na Ópera de Hanói. Natural de Paris, Faustine de Monès diplomou-se pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres, e pelo Mannes College of Music, em Nova Iorque. Estreou-se no Opéra-Théâtre de Limoges, em *Les Fables enchantées* de Isabelle Aboulker. Recebeu o prémio de música contemporânea do Concurso Internacional George Enesco (Bucareste, 2018), o primeiro prémio no Concurso Internacional Vivonne de 2017, e foi também premiada (em dueto) no Concurso de Mélodie Francesa de Toulon, em 2017.

## Jan Lisiecki

O pianista canadiano Jan Lisiecki trabalha em estreita colaboração com os principais maestros e orquestras da atualidade, realizando mais de cem concertos por ano. Na temporada 2025/26, regressa à Filarmónica de Roterdão, à Sinfónica de Viena, à Sinfónica da Rádio Finlandesa, à Filarmónica de Varsóvia, à Orquestra Gulbenkian, à Sinfónica da Rádio de Berlim, bem como à Sinfónica de São Francisco e à Sinfónica de Houston, entre outras orquestras. Em agosto de 2025, encerrou o Festival Internacional de Música de Seul, no Centro das Artes de Seul, na Coreia do Sul, com um concerto dedicado a Beethoven e um recital com o seu aclamado programa *Prelúdios*. Outros recitais levam-no a percorrer a Europa e a América do Norte, incluindo a Philharmonie de Berlim, o Konzerthaus de Viena, o Palau de la Música Catalana de Barcelona, o Koerner Hall de Toronto e o Centro Nacional das Artes de Ottawa. Os convites recentes incluem a Filarmónica de Nova Iorque, a Orquestra de Cleveland, a Sinfónica de Chicago, a Orquestra de Paris, a Orquestra do Tonhalle de Zurique e a Staatskapelle Dresden. Estreou-se com a Filarmónica de Berlim na primavera de 2024. Lisiecki é presença regular nos principais festivais de verão da Europa e da América do Norte. Atuou no Festival de Salzburgo e fez recentemente a sua terceira apresentação nos *BBC Proms*. O seu anterior programa de recitais foi apresentado em mais de 50 cidades em todo o mundo.

Jan Lisiecki assinou pela Deutsche Grammophon aos quinze anos de idade. Desde então, gravou nove álbuns, galardoados com os prémios *Juno*, *Echo Klassik*, *Diapason d'Or* e *Edison Klassiek*. Aos dezoito anos, foi o mais jovem artista a receber o *Gramophone's Young Artist Award*, tendo-lhe sido também atribuído o Prémio Leonard Bernstein. Em 2012, foi nomeado Embaixador da UNICEF no Canadá.

## Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

# Orquestra Gulbenkian

## PRIMEIROS VIOLINOS

Vadim Tsibulevsky CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 1º SOLISTA  
Johannes Schantz 1º SOLISTA\*  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
Inês Marques\*  
Maria João Matos\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 1º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Sandra Escovar\*  
Lúcia Salvado\*  
Ana Sofia Faria\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Artemis Balkiz  
Joana Silva  
Micaela Miranda  
João Barata\*  
Milan Radocaj\*  
Dinis Campos\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Emeraude Bellier 1º SOLISTA  
Martin Henneken 2º SOLISTA  
Raquel Reis  
Jeremy Lake  
Leonor Moniz  
Filip Szkopek\*  
Tiago Mirra\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rêgo 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Luís Ferreira  
André Filipe Gonçalves\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Mafalda Carvalho 2º SOLISTA\*  
Anabela Malarranha 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José María Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO  
Edgar Silva 2º SOLISTA\*

## SAXOFONE

Ricardo Pires 1º SOLISTA\*

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Per Ivarsson 1º SOLISTA\*

Jorge Pereira 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

José Afonso Sousa 2º SOLISTA\*

Ryoko Imasi 2º SOLISTA\*

## HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA\*

## PIANO

Joana David 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

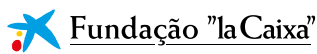
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

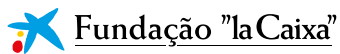
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

